

O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS

Luís Roberto Barroso¹

Foi em algum momento do final da adolescência. Os anos 70 do século passado caminhavam para a metade. Caiu-me nas mãos, não lembro bem vindo de onde, um disco de Maria Bethânia. Salvo engano, chamava-se *Drama*, no qual a grande cantora baiana recitava Fernando Pessoa. Voz poderosa, carismática, cheia de personalidade. Devo a Bethânia a descoberta de Pessoa. Talvez da poesia. Havia lido Manuel Bandeira antes, que era o preferido de meu pai. Mas sem emoção suficiente. Só vim a apreciá-lo mais adiante na vida.

Fui a uma livraria e comprei o meu primeiro Fernando Pessoa: *O Eu Profundo e os Outros Eus*, da Companhia José Aguilar Editora, publicado em 1972. Acho que foi ali que descobri o mundo das palavras, do ritmo, dos significados profundos. Tudo me parecia original e arrebatador. Fernando Pessoa escrevia sob diversos nomes (heterônimos), com personalidades e estilos diversos. Na explicação dele próprio:

“Por qualquer motivo temperamental que me não proponho analisar, nem importa que analise, construí dentro de mim várias personagens distintas entre si e de mim, personagens essas a que atribuí poemas vários que não são como eu, (e que) nos meus sentimentos e ideias (não) escreveria”.

Logo no início do livro, na parte em que o autor se apresenta como Fernando Pessoa ele mesmo, deparei com a estrofe impactante:

“Os Deuses vendem quando dão.
Compra-se a glória com a desgraça.
Ai dos felizes porque são
Só o que passa!”

¹ Ministro do Supremo Tribunal Federal. Professor titular da UERJ. *Senior Fellow* na Harvard Kennedy School.

Pouco à frente, na descrição de reis e navegadores que fizeram a glória marítima de Portugal, escreveu com fatalismo:

“Firme em minha tristeza, tal vivi.
Cumprí contra o destino o meu dever.
Inutilmente? Não, porque o cumprí”.

E assim segue, de personagem em personagem – D. João, D. Sebastião, Fernão de Magalhães e Vasco da Gama, em meio a muitos –, até chegar ao antológico *Mar português*:

“Ó Mar Salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu”.

A beleza das imagens, a sonoridade das palavras e a sutileza das formas desafiavam o leitor a sair do lugar comum. A grandeza dos versos de Fernando Pessoa era quase opressiva para quem pretendesse iniciar-se na poesia. Porém, mas que tudo, ela era inspiradora: convocava cada um a ser o melhor que pudesse ser, com coragem e verdade. Nas palavras de Ricardo Reis, uma das muitas versões dele mesmo:

“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.

Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive”.

Capturado pela força gravitacional de Pessoa, arrisquei-me na poesia naquele início da idade adulta. Foi um dos meus fascínios na vida, abatido ao longo dos anos por uma autocrítica redentora. A poesia e a música popular foram duas paixões da minha primeira juventude. Não fui correspondido e com suave resignação escolhi outros caminhos. Não terei sido o primeiro jovem poeta ou letrista que ficou pelo caminho. Um bom consolo:

“O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente”.

Mas ainda hoje, e com frequência, vou à estante resgatar a minha cópia desse livro que marcou minha vida. A encadernação já está meio sofrida e as páginas amareladas. Mas as marcações que fiz à lápis na primeira leitura estão lá, resistindo ao tempo e guardando memórias. Marquei ao longo do texto, com seta ou sublinhado, as frases ou versos que me impactaram. Destaco algumas aqui:

“Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...”.

“E quando se vai morrer, lembrar-se que o dia morre,
E que o poente é belo e é bela a noite que fica...
Assim é e assim seja...”.

“Não concordo comigo, mas absolvo-me”.

“O soldado que morre pela pátria sem saber o que é pátria”.

“E há em cada canto da minha alma um altar a um Deus diferente”.

Ou mais esse:

“Mais vale o vôo da ave, que passa e não deixa rastro,
Que a passagem do animal que fica marcada no chão.
A ave passa e esquece, e assim deve ser.
O animal, onde já não está e por isso de nada serve,
Mostra que já esteve, o que não serve para nada”.

Ao me tornar presidente do Tribunal Superior Eleitoral, precisei abrir uma conta no Twitter. Uso-a para mensagens institucionais ou acadêmicas. Salvo uma exceção: toda 6ª feira, no final do dia, faço recomendação de um livro, de uma música e de uma poesia. No meu tuíte inaugural, em abril de 2020, a poesia selecionada foi extraída desse livro. Talvez seja minha favorita entre todas. Ela mostra que beleza e importância são conceitos relativos na vida. Confira-se a grandeza modesta do rio da minha aldeia, pela voz de Alberto Caeiro:

“O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.
O Tejo tem grande navios
E navega nele ainda,
Para aqueles que vêm em tudo o que lá não está,
A memória das naus.
O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E para onde ele vai
E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.
Pelo Tejo vai-se para o Mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram.
Ninguém nunca pensou no que há para além

Do rio da minha aldeia.

O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.

Quem está ao pé dele está só ao pé dele”.

Passaram-se mais de 40 anos desde quando deparei com a poesia de Fernando Pessoa pela primeira vez. De lá para cá, li de tudo. Rodei o mundo. Debati-me com outros idiomas. Mas guardei na memória e no coração sua linda declaração de amor e lealdade, que jamais deixei de compartilhar: “Minha pátria é a língua portuguesa”.